

## RECENSÕES

Anne Devarieux, *L'intériorité réciproque. L'hérésie biranienne de Michel Henry* (Grenoble: Millon, 2018), 359 pp. ISBN: 978-2-84137-343-7

Anne Devarieux é uma das mais importantes comentadoras contemporâneas da filosofia de Maine de Biran. O seu livro intitulado *Maine de Biran. L'individualité perseverante* (Grenoble: Millon, 2004), continua a ser um texto incontornável e abundantemente citado entre os especialistas da filosofia biraniana. As qualidades de investigação aí demonstradas pode o leitor interessado reencontrá-las aqui neste *L'intériorité réciproque. L'hérésie biranienne de Michel Henry*, obra que apenas um conhecedor profundo da obra do filósofo de Bergerac estaria, de facto, em condições de escrever.

O objetivo orientador da obra é formulado nas primeiras páginas da *Introdução* (p. 10); trata-se de tentar responder a uma dupla questão de fundo: (a) por que razão Henry escolheu Maine de Biran como interlocutor privilegiado no momento em que esboçava o núcleo definidor do seu projeto fenomenológico? (b) o que deve a compreensão da filosofia biraniana, retrospectivamente, à leitura de Henry? Deve-lhe uma transformação inovadora que abre novos sentidos, ou uma deturpação que a degrada? Este duplo questionamento de fundo marca bem a via de análise seguida nesta obra. A autora, de facto, não pretendeu escrever um livro que fosse apenas dedicado ao pensamento de Michel Henry; mas também não se trata de um texto exclusivamente dedicado à obra de Maine de Biran. Nas suas palavras, trata-se, antes, de um trabalho “sobre a *relação* que o primeiro acreditou dever estabelecer com o segundo, e efetivamente estabeleceu, movido por uma necessidade propriamente filosófica” (p. 10). A afirmação é interessante: sugere-se, de algum modo, que há razões filosóficas profundas que explicam a necessidade de um certo projeto fenomenológico – o de Henry – regressar ao biranismo; mais precisamente, o que se afirma é que certo modo de fazer fenomenologia apenas se torna possível através de uma via biraniana, como se, portanto, algo das possibilidades ou impensados do horizonte fenomenológico apenas se pudessem libertar no encontro com os instrumentos teóricos criados pela filosofia de Maine de Biran. Ao mesmo tempo, então, será igualmente verdade – e isso

sem cair na tentação de uma simplista interpretação fenomenológica do biranismo – que algo do biranismo pode ser finalmente compreendido, nas suas implicações mais profundas e alcance mais vigoroso, nesse mesmo encontro improvável com a fenomenologia contemporânea: como se os problemas e caminhos da investigação de Biran encontrassem nos caminhos da fenomenologia contemporânea a confirmação, a renovação ou a concretização do que, tendo sido dito por Biran, apenas agora pudesse ser plenamente pensado até ao fim.

De algum modo, algumas das opções teóricas subjacentes a toda a análise procuram seguir as possibilidades referidas: (a) identificar, nos espaços de apropriação original do horizonte fenomenológico empreendidas por Henry na via da sua “fenomenologia da vida”, as exigências filosóficas novas suscitadas por tal via de investigação, (b) acompanhar o modo como tal “novidade” reclama uma reforma da própria abordagem fenomenológica e, (c) finalmente, analisar o modo como tal reforma se torna possível num encontro improvável – heresia biranina da fenomenologia – com instrumentos filosóficos disponibilizados originalmente pelo biranismo.

É esta disposição teórica que constatamos atravessar cada um dos sete capítulos ao longo dos quais a obra se divide (para além de um momento introdutório (pp. 9-21), muito esclarecedor, e de um momento conclusivo (pp.349-357), por ventura mais genérico). Procedamos ao respetivo elenco rápido. O primeiro capítulo é dedicado à identificação propriamente dita do que a autora apelida de “heresia” biraniana de Henry (pp. 23-49). Trata-se de um capítulo onde se apresenta, por assim dizer, o conjunto das “regras do jogo” da análise, não espantando, portanto, que seja uma contextualização da influência biraniana na obra de Henry que mobiliza a atenção da autora. O segundo capítulo analisa a questão do “dualismo ontológico” sobre a base da teoria biraniana dos pontos de vista (pp. 51-92), teoria que Azouvi entendia ser a “coluna vertebral do biranismo” e que, no presente livro, é analisada através de um tratamento cuidadoso da distinção biraniana entre “representação e reflexão”. O terceiro capítulo centra-se no tema da interioridade (pp. 93-123), aqui tratada numa via de transposição temática complexa entre “interioridade psicológica” e “interioridade ontológica”, com o escopo de sublinhar um ponto preciso: “dizer a vida” reclama que se considere o que Biran afirmou da evidência aperceptiva. No quarto capítulo segue-se o eixo central de uma filosofia e fenomenologia do corpo. Este é, compreensivelmente, o capítulo mais extenso da obra e procura dar conta, de modo minucioso, da inspiração percursora de Biran para este tema maior, bem como da profunda influência que exerceu sobre o modo como Henry estrutura todo o seu projeto filosófico (desde a conceção de “corpo subjetivo” e esfera de subjetividade transcendental, até ao tema da “incarnação” (pp. 125-232). É conhecido que a forma de apropriação do biranismo empreendida por Henry, nomeadamente neste contexto específico da questão do corpo, é polémica e continua a provocar nos comentadores de Biran (nomeadamente naqueles que a autora apelida de “ortodoxos”) amplas dúvidas; de

qualquer modo, o tema é central e grande parte da importância contemporânea da filosofia biraniana permanece em dívida para com a leitura de Henry que começa, justamente, pela consideração central da questão do corpo e da corporeidade em Biran. O quinto capítulo tem por título *L'ontologisation de l'effort* (pp. 233-284) e conduz ao tema do “movimento da vida e do ego”, assim atestando de uma análise que cobre o conjunto da obra de Henry e descortina a influência de Biran até aos derradeiros textos do autor de *L'essence de la manifestation*. Esta circunstância continuará a ser bem demonstrada ao longo do sexto capítulo (pp. 285-305) – o mais pequeno, mas não certamente o menos interessante, capítulo do livro – como se depreende, desde logo, do próprio título, tão provocador quanto preciso, que o encima: *Trinité biranienne et trinité henryenne*. Este capítulo, que se termina com a questão da “palavra joanica segundo Henry” é muito relevante por uma dupla razão, que certamente colherá os favores tanto dos leitores de Henry como de Biran: por um lado, explora uma parte delicada e quase sempre mal analisada da filosofia biraniana, aquela que, pela minha parte, diria ligar-se à seguinte tese de Biran: uma *nova* antropologia não pode dispensar a consideração da experiência religiosa; por outro lado, e é esse o ponto de apoio da análise, trata-se de meditar o facto da fenomenologia henryana ser “do religioso no duplo sentido do genitivo: (...) a vida é o religioso porque viver é já uma religião” (p. 305). De algum modo, as conquistas teóricas deste capítulo sexto repercutem-se e podem ser perseguidas ao longo do derradeiro capítulo do livro, que encerra a investigação com uma análise dos temas difíceis e densos da “temporalidade” e da “afetividade” (pp. 307-347). As opções de análise que atrás se referiram continuam aqui bem evidentes; e evidente é igualmente a atenção, que também descortinamos ao longo dos demais capítulos, ao que, sob o pano de fundo de uma dívida assumida por Henry em relação a Biran, mantém em desacordo Henry em relação a Biran.

Ao longo destes sete capítulos é, enfim, um renovado “retrato” da filosofia henryana que se delineia: o retrato de uma filosofia que « não é biraniana e fenomenológica » – pois não é um simples comentário ou tentativa de compreensão fenomenológica do biranismo (se o fosse, diríamos pela nossa parte que seria uma tentativa muito questionável e cheia de imprecisões) –, mas “biraniana *porque* fenomenológica (...), [e, assim,] fenomenológica *porque* birania” (p. 31); é-o no momento inicial em que descobre no horizonte do biranismo, nesse continente imenso da interioridade que se abre pela linha do esforço aperceptivo, o campo de um conhecimento “que está incluído em toda a intencionalidade e que não é visado por essa intencionalidade” (p. 85); e continuará sê-lo ao longo da construção de uma fenomenologia da vida “animada por uma recusa apaixonada da morte, da queda no tempo (...)” e da exclusão do sentido (p. 354).

Os pequenos problemas de edição do volume (algumas falhas de uniformização gráfica das citações, algumas pequenas gralhas – sendo a mais visível a falta de nota de rodapé 65 na pág. 104) serão certamente esquecidos pelo leitor

interessado que, nestas páginas, encontrará uma nova referência de qualidade e um novo padrão de aprofundamento para a investigação da filosofia henryana; ao mesmo tempo, ganhará ainda uma via de entrada de elevada qualidade no horizonte do biranismo.

Não temos dúvidas de que a obra interessará a todos quantos trabalham no contexto da filosofia moderna e contemporânea e não temos reservas em aconselhar vivamente a sua leitura.

*Luís António Umbelino*

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Unidade I&D CECH – FLUC

Email: [lumbelino@fl.uc.pt](mailto:lumbelino@fl.uc.pt)

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_55\\_7](https://doi.org/10.14195/0872-0851_55_7)

Myriam Bienenstock, *Cohen und Rosenzweig. Ihre Auseinandersetzung mit dem deutschen Idealismus* (Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2018), 298 pp. (Inclui Prefácio, Introdução e Bibliografia). ISBN: 978-3-495-48680-1

Myriam Bienenstock é uma autora conhecida do público universitário português como investigadora do pensamento do jovem Hegel e do Idealismo Alemão e como especialista em Franz Rosenzweig e em temas do pensamento judaico do século XX. O livro que nos mereceu a presente nota é constituído por oito ensaios, publicados inicialmente em francês em 2009, em volume autónomo – *Cohen face a Rosenzweig. Débat sur la Pensée Allemande* (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin). A presente edição alemã constitui uma versão nova dos ensaios de 2009 e não se limita a traduzir o material previamente existente.

Do ponto de vista do método trata-se de uma abordagem histórico-filosófica com recurso a detalhes biográficos, epistolografia e outras fontes documentais. O âmbito de pesquisa é definido, do ponto de vista temporal e temático, pela receção do Idealismo Alemão nas fontes e influências dos dois autores mencionados em título – o neokantiano Hermann Cohen (1842-1918) e o autor da *Estrela da Redenção*, Franz Rosenzweig (1886-1929).

Constituída por oito capítulos, um prefácio, uma introdução e uma bibliografia primária e secundária atualizadas, a obra parte dos temas e influências comuns a H. Cohen e a F. Rosenzweig para oferecer um exame muito detalhado das linhas doutrinárias e influências pessoais que, sobretudo nas duas primeiras décadas do século XX, se cruzam em filósofos que, além de terem como principais referências teóricas Kant, Fichte, Schelling ou Hegel e a cultura alemã de 1800, em geral, estão preocupados em entender a sua pertença ao judaísmo, as diferenças e comunhão entre judeus e cristãos, não só como um tema de herança religiosa ou cultural, mas como uma questão especulativa a propó-